

A LEITURA DA “PALAVRAMUNDO” NO BRASIL

ELÁDIO VILMAR WESCHENFELDER
Universidade de Passo Fundo/RS, Brasil

Ler é viajar pelo mundo,
conhecer outros povos,
outras terras, outras culturas.
É conhecer também seu mundo interior,
identificando emoções e sentimentos.
É tornar-se sensível e criativo.
(Margareth Lehmen)

Antes da publicação das teorias do educador brasileiro Paulo Freire, a maioria dos conceitos de leitura no Brasil restringiam-se à noção passiva da decifração do código verbal escrito. Freire ampliou tal conceito, considerando o ato de leitura como sendo uma ação ativa de caráter dinâmico, social e múltipla, tendo-se em vista que ela busca decifrar e entender os sentidos dos códigos lingüísticos verbais e não-verbais produzidos pelas criaturas humanas, os quais refletem e ampliam a inteligência no mundo.

Em uma de suas teses, Freire afirma e comprova que *a leitura de mundo precede a leitura da palavra*¹. O pedagogo observa que no mundo em que se vive, há uma diversidade de códigos lingüísticos e não-lingüísticos: placas de trânsito, cartazes, “outdoors”, receitas médicas e culinárias, faixas, bilhetes, livros, jornais e revistas, mapas, atlas, ilustrações, pinturas, filmes, pautas musicais, convites, histórias em quadrinhos, música, charge, livros com legendas, livros de imagem, vitrines, vitrais, “CD-ROM”, “E-mail”, “Home page”, “e-book”, placas comerciais, marcas industriais e comerciais, nomes e números de ruas e avenidas, faixas, anúncios comerciais, medidores das condições climáticas, mímicas, risos, choros, olhares, posturas, etc., etc., etc., os quais espelham os sentidos do homem no mundo, mas que precisam ser decodificados por seus sujeitos em constante aprendizagem. O ato de ler, portanto, não consiste apenas na decifração dos caracteres lingüísticos, mas também pressupõe a compreensão dos códigos não-lingüísticos constantes noutros suportes e contextos que não o texto impresso, mas muito presentes no ambiente em que se vive. Ler é entender o mundo para além das palavras: “palavramundo”. Ler a “palavramundo” é decifrar o choro do bebê, a dinâmica da política e da economia, compreender as estruturas textuais das entrelinhas escondidas nos textos verbais, interpretar as formas e as cores da fachada de um prédio e a expressão facial e gestual das criaturas humanas. A leitura da “palavramundo” faculta a compreensão da dinâmica dos sentimentos humanos expressos nas histórias ficcionais tão bem elaboradas. Permite também reconhecer o embate da força física e das palavras na fábula do Lobo contra o Cordeiro. Ler é também solidarizar-se à poderosa força dos sentimentos de Chapeuzinho Vermelho. A leitura da “palavramundo” possibilita a compreensão do que seja o não-dito da pessoa amada contra o sim-

¹ FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1997, p. 11.

dito do Judas traidor. A leitura também faculto o entendimento do jogo dos lábios do casal apaixonado que baila ao som da música, assim como interpreta os desenhos irônicos das charges. A leitura da “palavramundo” estica a fantasia, a capacidade de ver cenas e personagens que não podem ser vistas com os olhos e que, por isso mesmo, atijam a imaginação.

O resultado negativo das provas realizadas pelo Programa Internacional de Avaliação² vem confirmar a tese de que o Brasil se constitui um país sem os melhores exemplos de leitura da palavra escrita e de mundo. A prova de leitura foi a que teve o maior valor na avaliação final. Os resultados revelaram que 40% dos estudantes brasileiros participantes não conseguiram sequer entender o que estavam lendo. Ao fim e ao cabo de tudo, esta foi a classificação geral dos estudantes de 32 países: 1º = Finlândia, 2º = Canadá, 3º = Holanda, 15º = França, 16º = EUA, 31º = México e 32º = Brasil. Como se percebe, a classificação brasileira é assustadora. Porém, o Ministro da Educação do Brasil, Paulo Renato de Souza, tentou se justificar do mau desempenho dos estudantes brasileiros: “Nós estamos nos comparando com os países mais desenvolvidos e não nos alinhamos com os países do Terceiro Mundo. E fomos audaciosos com isso”.³

Preocupada com o baixo índice de vendagem de livros no Brasil, a Câmara Brasileira do Livro encomendou uma pesquisa para quantificar as livrarias e o número de livros nos lares brasileiros. Os números revelados pela pesquisa devem, com certeza preocupar governantes, educadores, estudantes, escritores, editoras e animadores culturais brasileiros. Vejamos apenas dois números: o Brasil possui uma livraria para cada 84 mil habitantes, ao passo que, na Argentina, existe uma livraria para cada seis mil pessoas; 14% dos brasileiros alfabetizados não têm livros em casa. Convém lembrar que Monteiro Lobato⁴, há 70 anos, criou um sistema de distribuição de livros por consignação, espalhando livros para mais de 1400 livrarias do Brasil. Hoje os pontos de vendagem de livros praticamente são os mesmos. Pouca coisa mudou em termos de leitura. Por isso, maioria das livrarias brasileiras, para sobreviverem, comercializam vasto e diversificado material didático. Assim procedendo, as livrarias passam a ser também papelerias.

Caso ainda vivesse, Monteiro Lobato, o autor das histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo, com certeza repetiria sua célebre frase: “Um país se faz com homens e livros”. É claro que a frase deve ser contextualizada para os tempos do terceiro milênio: Um país verdadeiramente livre se faz com homens, mulheres, crianças, livros e leitores da palavramundo.

² Provas realizadas pelo **Programa Internacional de Avaliação** em 2001. Dela participaram 4815 estudantes brasileiros matriculados em escolas públicas e particulares com 15 anos, respondendo a questões relacionados aos conteúdos de Ciências, Matemática e Interpretação de Texto.

³ Pronunciamento dado em fevereiro de 2002 à Rede Globo de Televisão no Programa Jornal Hoje.

⁴ É considerado um dos maiores autores brasileiros do gênero Literatura para crianças. Escreveu contos, romances, textos jornalísticos, epistolografia e crítica.

Por sua vez, o poeta gaúcho Mario Quintana⁵ também dá sua alfinetada na população alfabetizada não-leitora ao afirmar que “Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem”. Acontece que a cultura da não-leitura tem as raízes encravadas na formação história da nação brasileira. Na época do “achamento” do Brasil por volta de 1500, cinco milhões de índios nativos aqui residentes ainda não atingira o nível de leitura da palavra impressa, mas apenas a leitura de seu mundo natural, isto é a leitura de mundo.. Tempos depois, os colonizadores portugueses trouxeram milhões de escravos africanos para trabalharem para eles nas minas de ouro e prata e nos engenhos de cana-de-açúcar. Dos africanos não só se subtraiu a liberdade, mas também o acesso às letras e aos números impressos. A situação parece melhorar em 1808 – 300 anos após o Descobrimento do Brasil – devido à vinda da família real portuguesa e também dos açorianos. A Família Real se acomoda às pressas na cidade do Rio de Janeiro, instalando a Imprensa Régia e a primeira biblioteca brasileira que, naquela época, fugira das iras do imperador Napoleão Bonaparte. A partir de 1824 começam a chegar milhares de pobres colonos alemães em busca de terras novas e riquezas. Traziam apenas esperanças de aqui ficarem e enricarem. Sonhavam um dia voltarem vencedores à Alemanha. E aqui encontraram rios piscosos, florestas exuberantes, terra fértil, corrupção, guerras, revoluções e fatura. Livros e leituras era coisa para padres e alguns professores pagos pela própria comunidade. Em 1870 aqui também aportaram legiões de italianos empobrecidos. Queriam terras, trabalho, famílias organizadas, riquezas para também um dia voltarem à Itália . Seus instrumentos de trabalho eram as mãos calejadas, o machado, a foice, o reboio, o moinho. Livros para quê? Para eles, leitura era bobagem, coisa de desocupados.

Vindos de sociedades capitalistas, os imigrantes alemães e italianos preocuparam-se em fundar cooperativas, igrejas, fábricas, lojas comerciais e pequenos núcleos urbanos com acanhadas escolas das primeiras letras. Outras etnias aportaram aqui durante todo o século XX: poloneses, árabes, japoneses, chineses, russos, holandeses e austríacos. Desde então, no Brasil, temas como livros, leituras, bibliotecas, ações de incentivo às múltiplas leituras na escola e na sociedade, não se constituem práticas políticas efetivas de quaisquer governos, especialmente os de instância federal e estadual. Há isto sim, iniciativas isoladas em prol de políticas de formação continuada de educadores e agentes culturais de incentivo e fomento às múltiplas leituras em seus diversos suportes.

Convém ressaltar que os discursos das autoridades tradicionais sobre leitura são deveras demagógicos e contraditórios. Não existe no Brasil uma política de promoção às múltiplas leituras. O PROLER,⁶ um programa nacional de incentivo à leitura, criado na década de 90, mal durou seus cinco módulos previstos. Nele trabalharam professores especialistas, bibliotecários, escritores,

⁵ Autor de A Rua dos Cataventos ; Aprendiz de feiteiro; A vaca e o hipogrifo; Sapato furado; Espelho Mágico; Lili inventa o mundo; A cor do invisível; Baú de espantos; Quintanares, dentre outras obras.

⁶ Projeto fundado na década de 90, foi coordenado pela Fundação Biblioteca Nacional e Casa da Leitura, patrocinado pelo Ministério da Cultura do Brasil.

agentes culturais, líderes comunitários, jornalistas, editores e artistas, cada um a seu modo, espalhando exemplos e práticas leitoras possíveis para todos os recantos deste imenso país. Núcleos de leitura se formaram tanto nas escolas, como fora delas: hospitais, clubes esportivos, cooperativas, fábricas e sindicatos. A Universidade de Passo Fundo, seguindo sua tradição de promover ações de leitura, instalou o Centro de Referências em Literatura e Multimeios, onde funciona O Mundo da Leitura⁷ e onde são realizadas atividades sociais gratuitas e pesquisas teórico-pragmáticas voltadas às múltiplas linguagens em diferentes suportes.

A formação de leitores literários da “palavramundo” passa por três níveis⁸: superficial, intermediário e profundo. O exercício da leitura a nível superficial consiste na compreensão do sentido denotativo do texto, isto é, da história em si, uma vez que ela é possuidora de uma trama com personagens localizados no tempo e espaço, cenários e ações. A leitura a nível intermediário permite a compreensão da estrutura textual, isto é, a situação inicial, a complicação, o clímax e a solução do problema gerador⁹. O exercício da leitura a nível da estrutura profunda está manifesto nos significados mais abstratos e mais simples. Neste nível é que se podem atribuir dois significados abstratos que se opõem entre si e garantem a unidade do texto.

Dois contos, Trezentas Onças¹⁰, de Simões Lopes Neto, e O Pregador¹¹, de Carlos Carvalho, constituem bons paradigmas para o exercício de compreensão dos três níveis de leitura. Convém observar que o clímax e o desfecho podem coincidir, especialmente nos textos modernos. O nível profundo da “palavramundo” permite a leitura dos diversos sentidos do texto com o contexto e com outros textos da tradição literária. Nele o leitor mergulha na subjetividade, isto é, no figurativo, pois permite que o ele ultrapasse a leitura das linhas, atingindo as entrelinhas, isto é, a profundidade e a multiplicidade de sentidos que o texto permite.

Pena que a maioria dos leitores atinge somente os níveis superficiais e intermediários de leitura. O poeta Mario Quintana já dissera que *o pior analfabeto é o que sabe ler (as linhas), mas não lê (as entrelinhas)*. Os apólogos, as parábolas, as fábulas, os contos modernos, os romances e os poemas constituem fontes ricas para o prazer da leitura, especialmente a nível de estrutura profunda. O conto A Verdade, de Luis Fernando Verissimo¹², o poema História de uma gata,

⁷ Espaço destinado especificamente às múltiplas leituras, contação de histórias e linhas de pesquisas voltadas às leituras em outros suportes. E-mail: leitura@upf.tche.br

⁸ PLATÃO & FIORIN. Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1998, p.37.

⁹ GIERING, M. Eduarda. **Revista Letras Hoje**. Porto Alegre: PUCRS, n.º 18(2), junho de 1985, p.77-104.

¹⁰ NETO, Simões Lopes. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1981, p.5-11.

¹¹ CARVALHO, Carlos. **O Calendário do Medo**. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1975, p. 77-78.

¹² VERISSIMO, Luis Fernando. **Comédias da vida privada**. Porto Alegre : L & PM, 1994, p. 315.

de Chico Buarque¹³, e a fábula O sonho dos ratos, de Rubem Alves¹⁴ constituem bons textos para o exercício da leitura nos três níveis. O leitor competente, portanto, estará habilitado a efetuar os três níveis da “palavramundo”. Para se atingir os três níveis com competência, há necessidade de muitas e constantes leituras. Não se é bom leitor por apenas alguns momentos e da noite para o dia.

O jornal Zero Hora, de Porto Alegre/RS, na sessão LER/1998, define o perfil dos leitores em seis tipos: o analítico, o automático, o atormentado, o “Zelig”, o pragmático e o descontraído. O analítico constitui o tipo de leitor que analisa a essência dos fatos e se dedica a pensar sobre as conclusões de sua leitura. O automático é o leitor que só lê sob pressão. Não consegue prender-se ao texto, porque faz de conta que lê. Ele, com certeza, lê como uma forma de se redimir por não ter lido e para se justificar perante os outros. O atormentado é aquele que efetua uma leitura angustiada, porque pensa nas coisas que tem que fazer. O “Zelig” (referência ao filme de Woody Allen) é o tipo de leitor que se envolve tanto com o texto, que é capaz de alterar seu humor. O pragmático é o que questiona o porquê de estar lendo determinados textos. Sua leitura é motivada pela certeza de poder usufruir o conteúdo para fins profissionais e sociais. O descontraído é o tipo de leitor que lê pelo simples prazer de ler, fazendo da leitura um momento de descontração.

Com certeza há outros tipos de leitores. Contudo, há leitores que podem conter vários perfis ao mesmo tempo, assim como há leitores que não se enquadram em nenhum dos tipos apontados acima. Também é certo que a família e a escola são elementos fundamentais à formação e orientação dos futuros leitores da “palavramundo”. Em casa, os pais e os familiares constituem, na verdade, os primeiros mestres a promoverem o gosto pela leitura. À escola, pelo exemplo e pela ação de seus professores, cabe criar as melhores condições para contagiar os alunos com o “vírus” do maravilhoso mundo da leitura. Destaque-se ainda que pais e professores precisam gostar de ler, criando as melhores ambiências de liberdade, paciência e compreensão na relação dialógica que vai se estabelecendo entre o leitor e a multiplicidade de textos. Sob esta ótica, o professor e pesquisador Daniel Pennac¹⁵ surpreende pais e educadores ao estabelecer dez direitos imprescindíveis do leitor:

1. O direito de não ler.
2. O direito de pular páginas.
3. O direito de não terminar um livro.
4. O direito de reler.
5. O direito de ler qualquer coisa.
6. O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível).
7. O direito de ler em qualquer lugar.

¹³ BUARQUE, Chico. **Chico Buarque**. São Paulo: Abril, 1980, p. 40.

¹⁴ ALVES, Rubem. **Estórias de bichos**. São Paulo: Loyola.

¹⁵ PENNAC, Daniel. **Como um romance**; trad. de Lenny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 57.

8. O direito de ler uma frase aqui e outra ali.
9. O direito de ler em voz alta.
10. O direito de calar.

Provavelmente Pennac queira chocar os educadores tradicionais que concebem a leitura como um ato de decifração passiva do código escrito e que fazem dos atos de leitura uma obrigação escolar forçada, isto é, um castigo. Ele nega que as causas do afastamento das crianças e dos adolescentes do mundo da leitura sejam somente a faixa etária, a falta de boas bibliotecas, o mundo fascinante da televisão e dos videogames, as compras nos shopping-centers e os lanches nas grandes cadeias como o MacDonald's. Pennac, com certeza, esteja alinhado ao escritor e desenhista brasileiro Ziraldo que se posiciona a favor de textos que retratem o melhor possível a realidade com uma linguagem simples, direta e cativante, acima de tudo. Para ele “a leitura deve ser como comer um doce de coco” e os textos devem corresponder às expectativas do leitor e centrar fogo em dois núcleos temáticos: o amor e o ódio.

Vem daí a necessidade de se reverter o atual quadro da não-leitura da “palavramundo no Brasil”. Para tanto, é mister o estabelecimento de políticas de incentivo às múltiplas ações de leitura, tendo-se em vista que a leitura propicia a construção do conhecimento e que ela traz reflexos positivos para todas as áreas do conhecimento. Para tanto, é imprescindível o empenho e o exemplo das autoridades, dos pesquisadores, dos professores, dos bibliotecários e dos animadores culturais. Os sujeitos aprendizes das múltiplas leituras devem ver atendidas suas expectativas levando-se em consideração a faixa etária, o nível de escolaridade, o contexto em que vivem, a tipologia textual, estando sempre familiarizados com momentos de leitura, especialmente do livro, que se constitui o maior bem cultural produzido pela inteligência humana. Contudo, não se pode abrir mão de uma condição: pais e professores serem leitores da “palavramundo”, mesmo sabendo que “lutar com as palavras é a luta mais vã”¹⁶, porque, para o poeta Mario Quintana, “Se as coisas são inatingíveis. Ora... Não é motivo para não querê-las. Que tristes os caminhos se não fora a presença distante das estrelas”.

¹⁶ ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 172.

